

Cantigas de roda na musicoterapia: possíveis caminhos para uma leitura

ALVES, Fernanda Rachel Soares¹
nandamusicoterapia@yahoo.com.br
SÁ, Leomara Craveiro de²

EMAC – Escola de Música e Artes Cênicas – UFG – Universidade Federal de Goiás.

RESUMO – O presente trabalho visa realizar algumas possíveis leituras da Cantiga de Roda “Nessa Rua”, para mostrar como a canção pode ser percebida de maneiras diversas. A intenção é demonstrar a necessidade de cada musicoterapeuta trabalhar a partir da vivência do seu cliente com a música no dado momento em que esta é utilizada, sem julgamentos *à priori*. Será utilizada, como fundamentação teórica, a semiótica peirciana para a realização desta pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS – CHAVE: Musicoterapia, Cantiga de Roda, Semiótica.

ABSTRACT – This paper work intends to realize some possible readings about the Play Song called “Nessa Rua” to show how this song can be realized in so many ways. The intention is to demonstrate the need of each music therapist to work with his/her client based on the experience they are having with the music at the present moment of the work without primary judgements. To realize this bibliographic research. it has been used the Peirce’s semiotics.

INTRODUÇÃO

Durante todo o processo de evolução da humanidade, o homem reuniu-se em grupo e, em diversas ocasiões, ele participou de rituais no qual a formação em roda estava presente. Além disso, muito desses eventos aconteciam acompanhado de danças e cantos, como eram, por exemplo, os rituais xamânicos de cura, as danças de agradecimento aos seres da natureza e também as danças dos negros, como a capoeira. Levar essa cantiga para dentro do *setting* musicoterápico pode ser uma forma do ser humano fazer contato com algo primitivo vivido pela sua espécie, remetendo-o ao resgate de sua filogênese - história de uma espécie ou de um grupo biológico. (Michaelis, 1998. p. 551).

Em musicoterapia, a cantiga de roda pode ser bastante utilizada, por apresentar algumas características que permitem um trabalho de acesso aos conteúdos internos dos

¹ Graduada em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás em 2005

² Professora da graduação e pós-graduação de musicoterapia da EMAC, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

pacientes de uma forma espontânea. A cantiga de roda une o canto, a dança, a improvisação (muitas cantigas, trabalham com um verso improvisado), o lúdico, a formação de grupo, a espontaneidade, a criatividade e a brincadeira como partes inerentes da sua existência. Tudo isso permite a quem faz parte do grupo que se predispõe a colocar-se em roda e brincar, possa entrar em contato com seu “mundo” interno e expressar suas emoções.

Outra característica, que é típica da roda, é a questão energética que circula em toda formação da roda. Quando as pessoas se dão as mãos, há uma transmissão de calor, energia, olhares, contato físico. A sua forma circular lembra a mandala, representante do *self*, segundo Jung. Uma outra aplicação da cantiga de roda em musicoterapia visa permitir uma reorganização interna da pessoa e um convívio social que permita um contato de forma saudável e agradável.

Mas, para que essa cantiga possa ser utilizada no *setting* musicoterápico, é preciso que o musicoterapeuta entenda que a canção só terá um valor terapêutico a partir do momento em que o próprio paciente atribuir um significado para aquilo que está vivenciando, no dado momento. E isso dependerá de toda a sua história pessoal, de experiências passadas e do que acontece no instante em que a música acontece.

Como tradição, essas cantigas de roda estão presentes até hoje na vida das crianças, embora cada vez mais perdendo terreno. Com a musicoterapia, essas brincadeiras podem ser resgatadas e neste “espaço” do brincar, a criança tem possibilidade de ampliar sua movimentação corporal, sua percepção de si mesma e do outro, o contato físico e ocular com outros seres. Além disso, o indivíduo, ao estar brincando de roda, vivencia um momento de lazer, de fazer música, de estar em contato com o lúdico. Ao se formar uma roda, a criança pode estar buscando um caminho para a livre expressão e para uma atividade prazerosa. Ali, ela pode representar vários papéis, soltar a imaginação, interagir com outros de uma forma saudável e colocar-se em forma de brincadeira ou, simplesmente, ser parte de um grupo que funciona em harmonia. É aqui que entra grande parte do valor terapêutico que estas cantigas têm. Dentro da brincadeira, fica bastante possível dizer o que penso ou fazer o que quero, de uma forma que isso me dê liberdade para a espontaneidade e criatividade, ampliando as possibilidades de expressão da minha subjetividade.

Falando um pouco mais sobre o lúdico, é neste universo do brincar com prazer que o ser humano tem a possibilidade de estar mais entregue às suas emoções. Quando o

indivíduo se abre a uma atividade de espontaneidade, como é o fazer musical, toda a sua carga emocional está livre para ser acessada. Há algo de escolha pessoal quando se entra em uma brincadeira. É preciso estar disponível totalmente ao momento da brincadeira para que surja o prazer, a realização. Neste momento, quando a pessoa encontra-se presente na brincadeira da qual faz parte, então, há uma maior possibilidade de acesso à sua subjetividade, pois o indivíduo passa a fazer contato com seus sentimentos presentes no momento do ato lúdico.

Todos esses aspectos nos fazem pensar na riqueza de possibilidades que temos ao trabalhar com as cantigas de roda no *setting* musicoterápico. Para contribuir ainda mais com as diversas possibilidades que o musicoterapeuta tem quando se propõe a estar em uma atividade dessas, lançar-se-á mão da teoria da semiótica, que fará com que esse fenômeno seja lido de uma maneira mais ampla.

Resolvemos buscar fundamentação na semiótica, por se tratar de uma teoria que trabalha com os signos e com os modos de significação que eles podem representar. Buscávamos entender como o indivíduo lida com o seu mundo sógnico e de que forma se dá a percepção e interpretação dos signos. Essa teoria nos levaria a compreender um pouco mais sobre a importância de considerarmos o outro ser com o qual nos relacionamos e a música trabalhada no *setting* do ponto de vista da vivência do nosso paciente e não mais a partir das nossas próprias experiências.

A semiótica é uma ciência que se desenvolve a partir da lógica e busca investigar os signos, aqui entendidos como um sinal que representa algo. Tem como premissa que o mundo é permeado de linguagens e que estas podem ser lidas. Sua função seria exatamente ler essa linguagem, seja ela qual for.

Para compreendermos o fenômeno cantiga de roda, utilizamos a semiótica peirciana e seu modelo triádico de leitura do mundo. Vimos como as canções podem ser apreciadas a partir de uma primeiridade (puro sentir), de uma secundidade (reações posteriores ao sentir e anteriores ao pensar) e de uma terceiridade (associações feitas posteriormente a partir de uma elaboração mental). Vimos também com se dá o processo de percepção dentro desta teoria. Assim esclarecemos como cada indivíduo identifica o mundo de uma maneira particular.

A partir do que foi exposto, fizemos possíveis considerações a respeito da cantiga “Nessa Rua” para refletirmos sobre diversos caminhos que podem ser percorridos ao se trabalhar com uma canção.

Em nossa visão, cada indivíduo fará a leitura de acordo com que ele vivencia em seu momento. Isso é afirmado também por alguns autores, como Sekeff (1998): “a música, simplesmente, se dá à contemplação, gerando impressões e possibilidades, conotando e denotando estruturas.” (p. 48).

Apresentaremos, a seguir, duas possibilidades dessas leituras, focalizando a obra como um todo e tomando como base a relação homem/mulher.

Primeiramente, podemos ver esta canção como uma declaração de amor entre um casal. Inicialmente, o homem fala para a mulher do seu desejo em agradá-la com a construção de um caminho bonito e reluzente, cheio de pedras preciosas. A intenção seria: demonstrar que a mulher tem valor e o quê de melhor pode ser oferecido à ela.

O homem viveria um amor romântico, que se contentaria somente em ver sua amada passar e faria todo o esforço possível para contemplá-la. No entanto, ele coloca que a mulher, a quem chama de anjo, conquistou seu coração e tirou-o da solidão, ou seja, parece que houve um certo envolvimento entre os dois.

No final da música, a mulher expressaria que também havia sido conquistada pelo homem e demonstraria seu afeto por seu par.

Como uma segunda possível leitura, sugerimos:

Um homem possessivo que quer construir um caminho no qual sua amada deverá passar. Esse caminho será de brilhantes, que ofuscará a visão da mulher que será obrigada a seguir pela trilha constituída por esse homem. Há uma grande relação de posse entre o casal, representado pelo excesso de pronomes possessivos presentes na letra. A mulher é vista como alguém “divino – anjo” que tem poder suficiente para roubar o coração do homem, aproveitando-se do seu sentimento de solidão. Talvez, por isso, a necessidade de dominação descrita no início.

A mulher duvida do amor do homem por ela. Isso é demonstrado pela repetição da frase “se roubei, se roubei teu coração”. Mas, por fim, admitindo também ter sido roubada e declara ter feito isso por amor.

Esta segunda análise, embora concordemos que ela pareça ser um pouco forçada, é possível ocorrer. Principalmente, se o ouvinte estiver passando por uma situação semelhante e resolver projetar-se na cantiga de roda.

METODOLOGIA

Escolhemos utilizar a teoria da semiótica peirciana para compreendermos como é que o fenômeno da cantiga de roda pode ser melhor compreendido. Primeiramente, apresentaremos o que é essa teoria que propõe ler qualquer fenômeno como linguagem. Assim, cada um dos fenômenos é classificado em uma teoria triádica, na qual existem três categorias universais e básicas presentes em todo e qualquer fenômeno. Além disso, falaremos sobre como ocorre o processo de percepção que mostrará como particularmente é a captação do mundo. No final do trabalho, apresentamos possíveis análises da cantiga de roda “Nessa Rua”, escolhida para a realização do mesmo, por aparecer com muita frequência no *setting* musicoterápico. Pretende-se, com isso, demonstrar como é único qualquer processo de apreensão dessa cantiga ou de toda e qualquer música.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discutimos sobre como e porque a cantiga de roda poderia ser utilizada dentro de um *setting* musicoterápico. Foram levantadas questões relativas ao processo filogenético que acompanha as cerimônias feitas em roda, desde antes de Cristo; à questão energética que é colocada em movimentação quando se forma uma roda (que poderia ser vista como uma mandala – para Jung [s.d.]; a produção musical; a movimentação corporal; o coletivo (que propicia a socialização) e o lúdico. Segundo Freud (1996), a brincadeira funciona para que a criança saia da condição de passiva e entra para a ativa, proporcionando-lhe, com isso, prazer, além de evidenciar, também, sua função catártica. Para Piaget apud Rappaport (1981), a brincadeira tem um papel fundamental, pois proporciona à criança os estímulos necessários para que ela interaja com um outro ser, com objetos e com seu próprio corpo e, assim, desenvolva o seu plano cognitivo e adapte-se melhor ao mundo. Também foi discutido sobre o desenvolvimento psicomotor que é alcançado com o brincar e as implicações dessas aquisições na vida social e afetiva da criança. Passando para o contexto terapêutico, vimos como o movimentar-se tem uma estreita ligação com a livre expressão, com a conotação psicológica da sensação. E como o brincar está associado ao prazer, ao jogo da experimentação, ao acesso mais livre das emoções. Como funções terapêuticas apresentamos: a representação de diferentes papéis, a possibilidade de soltar a imaginação e a fantasia, a interação com outras pessoas, a noção de pertencimento, a possibilidade de criar, de ser espontâneo e de poder ser autêntico.

Vimos como essas idéias estariam ligadas ao Princípio Feminino do ser, onde se valoriza a criação não competitiva, mas sim voltada à cooperação. Passamos a tratar dos possíveis caminhos para uma leitura, junto da análise multidisciplinar. A teoria escolhida foi a semiótica peirciana, pois através dela seria possível vislumbrar uma ampla gama de direções apontadas pelo fenômeno cantiga de roda. Primeiramente, apresentamos a teoria e definimos alguns de seus conceitos. Inicialmente, definimos semiótica como a ciência que estuda os signos (um sinal que representa algo). Falamos sobre a teoria triádica que classifica todo e qualquer fenômeno (entendido como qualquer coisa que possa aparecer na nossa mente) em primeiridade (estado de qualidade), secundidade (estado de existência) e terceiridade (estado de representação). Depois, apresentamos como Sekeff (1998) enquadra a música dentro dessas categorias. Ela nos diz que primeiridade é o contato inicial que fazemos com a música, quando apenas temos a sensação depois da escuta, a secundidade seria quando temos uma reação a esse banho sonoro, quando a experiência ganha um caráter factual; e terceiridade, é quando fazemos uma síntese intelectual da música. Depois, fizemos uma analogia com a cantiga de roda. Dentro do *setting* musicoterápico, a primeiridade seria vivida pelo paciente e pelo musicoterapeuta no exato momento da escuta, no plano do sentir. A secundidade surgiria nas respostas, posteriores ao sentir e anteriores ao pensar, podendo levar a várias reações, tais como: uma movimentação interna, corporal, uma resposta emocional, um estabelecimento de vínculo social, a formação de uma roda. E, como terceiridade, as elaborações e representações surgidas no ato da escuta, ou mesmo após, no momento do compartilhar com o musicoterapeuta ou com o grupo. Tais representações são fruto de conexões com experiências pessoais. Passamos a falar sobre como a semiótica peirciana entende o processo de percepção. Para Peirce (apud Santaella, 1998), a percepção é a tradução de um objeto de percepção em julgamento de percepção. Para que isso ocorra, é preciso a mediação de um signo. Falamos, então, um pouco sobre o que seria esse objeto (que pode ter uma existência material ou não – como no caso da música) e como ele está dividido. Há o objeto dinâmico que é o objeto em si e há o objeto como o percebemos (o objeto imediato). Visto isso, passamos a narrar uma das inúmeras classificações dos signos em ícone (ligado à primeiridade), índice (ligado à secundidade) e símbolo (ligado à terceiridade). Enquanto ícone, a cantiga de roda é aberta às mais diversas possibilidades; como índice, ela pode gerar respostas motoras, emocionais e de ações, todas elas anteriores ao pensar. E, como símbolo, cada indivíduo pode ter uma cantiga representando algo, de acordo com sua

vivência com aquela música específica. É quando o ouvinte diz: essa canção me remete à... ela me lembra ... Para terminar o processo de percepção, discorreremos sobre o interpretante (aquilo gerado na mente do intérprete). Temos três tipos de interpretantes: o interpretante imediato (aquilo produzido em uma mente) interpretadora qualquer, o interpretante dinâmico (aquilo que é representado em uma mente específica; na nossa, na sua) e o interpretante em si (aquilo que seria representado em qualquer mente, dada certas condições). Finalizamos o capítulo demonstrando como a música, sendo uma linguagem em que a representação é momentânea e individualizada, diferentemente da linguagem verbal, quando uma palavra representa um objeto ou um conceito, enfim, uma idéia, colabora para que o leque de opções de leitura aumente ainda mais. E como a cantiga de roda amplia essas possibilidades, devido aos aspectos estruturais da música, da própria letra, da formação da roda, do brincar e do lúdico. Para focalizar ainda mais esses possíveis caminhos, escolhemos a cantiga de roda “Nessa Rua” para analisarmos e levantarmos algumas possibilidades de leitura.

CONCLUSÃO

Após análise da Cantiga de roda “Nessa Rua” vimos que várias possibilidades de leituras são plausíveis e isso implica que devemos como musicoterapeutas ter um cuidado em tentarmos construir o significado de uma canção junto com os nossos pacientes no momento exato da utilização da mesma dentro da sessão, pois os significados gerados podem ser inúmeros.

Esperamos que tenha ficado claro que uma experiência com a música, seja ela qual for, só terá qualquer significado e poder terapêutico quando o paciente e musicoterapeuta agregarem juntos algum valor àquela experiência. É a partir do histórico de vida de cada um, do momento pelo qual estão passando e da relação estabelecida naquele dado instante que o processo terapêutico irá acontecer. Não adianta o musicoterapeuta trabalhar com canções, partindo somente do seu gosto pessoal ou do significado que atribui a uma determinada música. É preciso que a significação seja atribuída dentro da relação terapêutica estabelecida, considerando-se, principalmente, aquilo que o paciente traz de significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABERASTURY, Arminda. *A Criança e Seus Jogos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.
- ÁLVARES, Thelma Sydenstricker. *Musicoterapia e o Princípio Feminino*. In: texto apresentado durante o 30º Festival de Música da Universidade Federal de Goiás 2005.
- AMENO, Agenita. *Crítica à tolíce feminina*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- BRANDALISE, André. *Musicoterapia Músico-centrada: Linda 120 sessões*. São Paulo: ed. Apontamentos, 2001.
- COUTINHO, Maria Laura (organizadora). *Educação da Sensibilidade: encontro com a professora Maria Amélia Pereira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.
- FERRAZ, Silvio. *Música e Comunicação: Ou, o que quer comunicar a música?* In: XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. Belo Horizonte, 2001.
- FILHO LEITE, Aleixo. *Noções Folclóricas*. [s.d].
- FILHO PELLEGRINI, Américo. *Antologia de Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ed. Edart UFPA e UFPB, 1982.
- FONSECA, Wilson. *Santarém Brincando de Roda*. Santa Catarina: Ed. Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1983.
- FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer* (1920). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- GRAÑA, Roberto B., PIVA, Ângela B. S. (organizadores). *A atualidade da psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- NOVAES, Íris Costa. *Brincando de Roda*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1994.
- JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, [s. d.].
- LEINING, Clotilde Espínola. *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Ed. Sobral Editora Técnica Artesgráficas LTDA, 1977.
- MILLECO, Ronaldo Pomponét, MILLECO FILHO, Luís Antônio, BRANDÃO, Maria Regina Esmeraldo. *É Preciso Cantar: Musicoterapia, Cantos e Canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.
- MUZZI, Marina Louise Coelho da Rocha. *Da negatividade das letras das cantigas de roda à descoberta da formação de sentido*. Belo Horizonte: 2004. In: monografia de final do curso de psicologia.
- MICHAELIS, *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- PRATES, Eufrazio. *Semiótica: uma suave introdução*. <http://www.geocities.com/Eurika/8979/semiotic.htm>. Acesso em: 12 nov 2005.
- QUEIROZ, J. Pereira de. *Aspectos da Musicalidade e da Música de Paul Nordoff: e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica*. São Paulo: Apontamentos, 2003.
- RAPPAPORT, C. R., FIORI, W. da R., DAVIS, C. *Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais*. São Paulo: Ed. EPU, 1981.
- RIBEIRO, J. P. *Gestalt – terapia: o processo grupal : uma abordagem fenomenológica da teoria compoholística*. São Paulo: Summus, 1994.
- ROCHA, Iane. *Semiótica! Deus, o que é isso?!* <http://forum.mxstudio.com.br/index.php?showtopic=1428&pib=8349&mode=threaded&show=&st=&>. Acesso em 11 nov 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. 20ª reimpressão da 1ª ed. De 1983. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Roteiro para leitura de Peirce*. [s.d.].
- _____. *A Percepção*. 2ª ed. São Paulo: Experimento, 1998.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. *Música e Semiótica*. In: *De sons e signos: música, mídia e contemporaneidade*. Tomás, Lia (org). São Paulo: EDUC, 1998.
- UNCHALO, Suzana, ELMAN, Liana Edelstein, BARTH, Beatriz. *Psicomotricidade: Aspectos ligados à construção do esquema corporal*. In: Revista do Professor. Porto Alegre: abr./jun, 1992.

